

Turismo Pedagógico: uma Estratégia para o Ensino de História e Educação Patrimonial¹

Isabel de Oliveira e Silva – Centro Universitário UNA²
Maria Cristina Dias Nascimento – Centro Universitário UNA³

Resumo

Este artigo insere-se no quadro das discussões a respeito das relações entre Turismo e Educação. Apresenta algumas abordagens dessa relação e focaliza o turismo pedagógico como prática desenvolvida por escolas de Educação Básica como estratégia de ensino-aprendizagem de conteúdos específicos e como forma de proporcionar aos estudantes a ampliação das experiências educativas. Analisa duas experiências de viagens realizadas com estudantes do Ensino Fundamental de uma escola pública e outra privada, organizadas por professoras de história. Focaliza os significados da atividade para professoras e estudantes envolvidos, procurando identificar sua potencialidade no processo educativo. Os elementos analisados foram obtidos por meio da observação participante nas duas viagens incluindo percursos de ida e volta e de entrevistas semi-estruturadas com as professoras e alguns estudantes.

Palavras-chave: Turismo; educação; turismo pedagógico; educação patrimonial; ensino de história.

1. Introdução

As relações entre Turismo e Educação têm sido discutidas por diversos autores. Dentre as abordagens, a que se refere à formação profissional para a área destaca-se como preocupação central de autores como Barreto (2004), Shigunov Neto e Maciel (2002), Trigo (1998), dentre outros. Verifica-se também o crescimento de trabalhos voltados para outras dimensões dessa relação. A questão ambiental (Swarbrooke, 2000; Irving, 2006) e a educação das comunidades para o turismo, especialmente no que concerne aos aspectos metodológicos (Janke; Tozoni-Reis, 2005; Tozoni-Reis&Tozoni-Reis, 2003; Álvares;

¹ Trabalho apresentado ao GT “Meio Ambiente, Turismo e Educação” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL e III Seminário de Pesquisa da ANPTUR – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

² Doutora em Educação, professora do curso de Mestrado em Turismo e Meio Ambiente do Centro Universitário UNA e do curso de Pedagogia da Universidade FUMEC. E-mail: isabel.os@uol.com.br.

³ Mestranda do curso de Mestrado em Turismo e Meio Ambiente do Centro Universitário UNA. Professora de História do Colégio Metodista Izabela Hendrix, em Belo Horizonte. E-mail: leandroraphael@terra.com.br.

Silva; Cavalcanti, 2005), figuram entre as preocupações de pesquisadores da área.

Nessa mesma direção, a de construção de canais de reflexão sobre as relações entre o turismo e a educação, encontra-se uma vertente de estudos, ainda incipiente, que se volta para as relações com a escola formal. Como instância responsável pela socialização e instrução das novas gerações, a escola apresenta-se como agência educadora fundamental nas sociedades escolarizadas contemporâneas. Algumas referências de trabalhos, especialmente relativos à educação patrimonial, já podem ser encontradas na literatura. Carsalade (2002) propõe uma reflexão centrada no potencial do patrimônio histórico-cultural para favorecer as aprendizagens significativas⁴ e enfatiza a sua utilização no processo de ensino-aprendizagem, elemento fundamental da educação escolar. Figueiredo (2002), a partir do entendimento da importância de se trabalhar a educação patrimonial na educação escolar, aborda a dimensão da formação dos professores para levar a efeito tal atividade. Starling e Santana (2002) discutem a inclusão da temática do patrimônio cultural no ensino médio pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's)⁵, realizando uma reflexão a respeito da adequação da chamada metodologia de projetos para a sua abordagem.

A educação patrimonial, dimensão que vem ganhando destaque nas discussões sobre patrimônio histórico (Chiozzini, 2006), é ainda recente quando se trata da educação escolar. Conforme mencionado acima, a presença dessa temática nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de história constitui-se no reconhecimento de que a escola é uma instituição que deve fazer parte das políticas de educação patrimonial. E estas, pela sua própria natureza, ou seja, por envolverem diversos atores e, sobretudo por referirem-se à população em geral, não pode prescindir do espaço escolar para sua efetivação. Ainda que incipientes, já se localizam iniciativas no sentido de integrar ações de setores distintos da política pública, como os Ministérios da Cultura, da Educação e do Turismo, com o

⁴ Aprendizagem significativa, conceito desenvolvido por David P. Ausubel, refere-se ao processo no qual “as novas informações e conhecimentos podem relacionar-se de uma maneira não arbitrária com aquilo que a pessoa já sabe” (Santomé, 1998, p. 41).

⁵ Parâmetros Curriculares Nacionais constituem um referencial para a estruturação e desenvolvimento curricular nos sistemas de ensino brasileiros. (Brasil, 1997).

objetivo de desenvolver projetos de educação patrimonial nas escolas de ensino fundamental (Chiozzini, 2006).

Outra linha de intervenção que tem emergido nos últimos anos refere-se ao uso de viagens e também de saídas na própria cidade com alunos da educação básica, como estratégia metodológica de desenvolvimento curricular. Trata-se de uma prática social e escolar emergente desenvolvida por escolas e agências que se dedicam a esse segmento da atividade turística: o chamado *turismo pedagógico* (Aandriolo, Faustino, 1999; Ansarah, 2005). Verifica-se que, por ser algo recente, são escassos os estudos a respeito. Tal escassez acaba por dificultar a compreensão tanto dos objetivos, métodos e formas de acompanhamento levados a efeito pelas escolas no contexto de seu projeto educativo, quanto das condições oferecidas por agências que prestam esse tipo de serviço (Silva, Quadros, Scussulim, 2005). Entendemos que estudos nessa área podem revelar a potencialidade dessa atividade no que concerne aos objetivos propriamente educacionais bem como em sua relação com um ramo ou especialidade da atividade turística.

A ampliação das experiências de alunos e professores por meio do acesso a outras formas de aprendizagem e de relação com a cultura e o meio ambiente tornou-se parte das propostas curriculares oficiais. Tanto os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), elaborados pelo Ministério da Educação, quanto propostas pedagógicas de Estados e Municípios têm, cada vez mais, incorporado essa concepção (Prefeitura de Belo Horizonte, 2002; Aprendiz, 2005). A introdução dos chamados temas transversais⁶ nos PCNs demonstra a existência de novas formas de transmissão/apropriação do conhecimento.

Sabemos também que, sobretudo as escolas privadas, que contam com a possibilidade de financiamento de atividades extra-escolares por parte das famílias das crianças e

⁶ Por temas transversais entende-se as temáticas relevantes da atualidade e que não se constituem em disciplinas, exigindo, em geral, tratamento interdisciplinar e estratégias diferenciadas de abordagem (Brasil, 1997). Referem-se a temáticas sociais, como é o caso, por exemplo, das questões relacionadas ao meio ambiente.

adolescentes, têm realizado viagens com objetivos pedagógicos e culturais, cujas implicações para o desenvolvimento dos educandos são ainda pouco estudadas. Da mesma forma, as potencialidades dessas atividades, bem como as necessidades que elas geram em termos de infra-estrutura e serviços são pouco dimensionadas em ambas as áreas de conhecimento e de intervenção – o turismo e a educação. Andriolo e Faustino (1999) destacam a importância do que denominaram a transferência de práticas de orientação das viagens para outros meios, como as escolas. Reconhecendo as dificuldades teóricas em torno da expressão turismo pedagógico, esses autores propõem uma distinção semântica e funcional entre turismo cultural e pedagógico. Para eles, o turismo cultural é aquele resultante da exploração da herança e do patrimônio cultural. “Já o turismo pedagógico seria o que serve às escolas em suas atividades educativas que envolvem viagens. Não obstante possuir momentos de lazer, não é realizado com este fim” (Andriolo, Faustino, 1999, p 165). Pode-se perceber que tem-se procurado distinguir essa atividade de outras com objetivos semelhantes. Entendemos, no entanto, que somente a partir da realização de pesquisas empíricas a respeito da atividade é que poderemos avançar em termos conceituais. Nessa direção, os mesmos autores afirmam ainda que nos anos 1980 e 1990, cresceu o número de agências especializadas no trabalho com escolas, evidenciando-se a necessidade de aprofundamento nesse campo:

No entanto, se muitas escolas conscientizaram-se da necessidade da viagem como instrumento pedagógico, pouquíssimas desenvolveram estudos sobre a forma como tal viagem deveria ser feita. Os procedimentos então existentes no turismo convencional, criados com outras finalidades, embasados em mercados e nichos determinados, foram incorporados pelas escolas e por essas novas agências especializadas. (ANDRIOLO; FAUSTINO, 1999, p. 167)

Assim, a experiência de alunos e professores no processo de elaboração e realização desse tipo de atividade torna-se importante elemento de análise. A pesquisa que deu origem às reflexões aqui apresentadas procurou apreender os significados atribuídos por professores e alunos à realização de viagens com objetivos pedagógicos. O nosso entendimento é o de que o turismo pedagógico deve ser entendido em sua vertente de conhecimento e construção de respeito a culturas distintas, passadas e presentes, como elemento fundamental da formação global de crianças e de adolescentes.

2. As viagens escolares como estratégia no desenvolvimento da disciplina de História

Estabelecendo um diálogo entre as áreas da história e do turismo, em obra intitulada *História e Turismo Cultural*, José Newton C. Menezes (2004) destaca o caráter de uso cultural das culturas inerente a toda ação que tem por objetivo conhecer o outro, o diferente. Nas suas palavras, “é próprio do homem buscar conhecer as diferenças culturais, intentar compreender significados para as vidas de outros grupos sociais, visitar lugares que não são os seus para compreendê-los em sua espacialização histórica e cultural própria” (Menezes, 2004, p. 20). Referindo-se especificamente ao turismo histórico-cultural, esse autor destaca que o ato de conhecer, marcado pelo prazer da situação da viagem ou visita, precisa incorporar e dignificar a existência do grupo construtor dessa história que se quer conhecer. Para ele,

O cotidiano local, mais que estimulador de curiosidade, é elemento problematizador do objeto que se busca fruir, e as intermediações que se fazem entre a cultura passada e o cotidiano é o que possibilita o entendimento, a contextualização instigante (porque não claramente interposta) e a memorização prazerosa, que permanece na mente, revive o momento da compreensão e estimula a busca de novos entendimentos e de novos prazeres. (Menezes, 2004, p.20)

Mais do que o que tem sido caracterizado como turismo cultural, já que a aprendizagem daí advinda refere-se a um objetivo individual, a viagem intencionalmente organizada com fins educacionais precisa contar com os elementos descritos pelo autor, uma vez que pressupõe a existência de processos de ensino-aprendizagem, articulados a uma ou mais disciplinas e/ou ao projeto pedagógico de uma instituição educacional.

As experiências aqui analisadas foram desenvolvidas por duas escolas (uma pública e outra privada) que possuem o Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série, as quais se encontram caracterizadas adiante. Essas escolas localizam-se na região Centro-Sul de Belo Horizonte – região de alta valorização imobiliária -, mas atendem a um público distinto no que se refere às condições sociais, econômicas e culturais.

Os instrumentos metodológicos utilizados foram a observação participante⁷ e as entrevistas semi-estruturadas⁸ com professores e estudantes envolvidos em duas viagens realizadas por essas escolas. A observação foi realizada em todo o processo de realização das viagens, ou seja, desde a saída das escolas, no seu trajeto de ida e volta bem como nas situações de hospedagem e trabalhos de campo/visitas. Foram realizadas 02 entrevistas com 02 professoras de história e entrevistas com 5 alunos de cada uma das duas escolas. As entrevistas foram realizadas nas dependências das escolas, após a realização das viagens.

Uma das escolas (aqui denominada de Escola estadual) pertence à rede pública estadual. Recebe alunos da 1ª à 8ª série do Ensino Fundamental. Conforme informação da direção, os alunos dessa escola possuem baixo poder aquisitivo, e provêm de diversos bairros da cidade.

A outra escola (aqui denominada de Escola particular) pertence à rede particular de ensino e localiza-se no bairro considerado de maior poder aquisitivo da população belorizontina. Essa instituição escolar possui turmas da pré-Escola até o 3º ano do Ensino Médio, atendendo a uma população de alto poder aquisitivo.

As viagens analisadas foram realizadas nos meses de agosto (Escola estadual) e outubro (Escola particular) de 2005. A cidade escolhida pela Escola estadual foi a cidade histórica de Ouro Preto – MG e a viagem foi realizada com alunos da 6ª série do Ensino Fundamental, com faixa etária entre 12 e 15 anos. A escola contratou serviços de uma agência de Turismo Pedagógico, que se responsabilizou pela organização da atividade no que se refere a: transporte, bilhetes nos locais de visitação, guia turístico, almoço e seguro de vida. Essa prestação de serviços teve um custo de R\$ 38,00 por aluno. A viagem não teve pernoite. De um total de 228 alunos da 6ª série, somente quarenta e seis crianças e adolescentes puderam participar dessa atividade. De acordo com a professora

⁷ A observação participante caracteriza-se pelo contato direto do pesquisador com o fenômeno investigado. Tem como objetivo obter informações sobre o fenômeno e a respeito dos atores sociais envolvidos no próprio contexto em que ocorre. Denomina-se observação participante em razão de pressupor que a presença do observador modifica o ambiente ao mesmo tempo em que o observador também se modifica. Deve-se considerar também diferentes níveis de participação dependendo dos objetivos e das características da pesquisa. (Neto, 1994)

⁸ A entrevista constitui-se em técnica de pesquisa que valoriza a interpretação que os atores realizam a respeito de si mesmos e/ou da realidade pesquisada, por meio da qual pode-se obter dados objetivos e subjetivos. No caso desta pesquisa, utilizou-se a entrevista semi-estruturada que consiste em formular previamente as questões de modo a direcionar a fala dos atores de acordo com os objetivos da pesquisa permitindo, no entanto, a inclusão, pelos entrevistados, de referências não previstas. (Neto, 1994).

responsável, a pequena participação deveu-se à impossibilidade de grande parte das famílias de arcarem com os custos da viagem, embora a maior parte dos alunos tenha manifestado interesse em participar.

A Escola particular organizou a viagem com os alunos da 7ª série do Ensino Fundamental à cidade de Petrópolis - RJ. Também optou por contratar os serviços de uma empresa de Turismo Pedagógico. A atividade teve a duração de dois dias e duas pernoites e teve um custo de R\$ 370,00 por aluno, o que não se configurou como fator impeditivo à adesão dos mesmos, considerando a sua privilegiada condição financeira. Mesmo assim, foi reduzido o número de alunos participantes da atividade, num total de vinte e cinco alunos com faixa etária entre 13 e 15 anos. A escola possuía duas turmas de 7ª série com trinta e cinco alunos em cada uma. De acordo com o depoimento da professora de história da Escola particular, o alto poder aquisitivo dos alunos é um fator positivo que viabiliza a realização do trabalho. Outros fatores, no entanto, interferem no interesse pela atividade. No caso dessa escola, conforme relatou a professora responsável, parte dos alunos optou por não participar da atividade alegando já conhecerem a cidade de Petrópolis. Para ela, o fato de eles viajarem bastante com as famílias e terem pleno acesso ao lazer, de certa forma, contribuiu para o desinteresse pela realização da atividade.

3. O olhar das professoras

Indagadas a respeito das razões pelas quais realizam esse tipo de atividade, as duas professoras destacaram tanto aspectos relacionados ao campo atitudinal quanto aos relativos à aprendizagem dos conhecimentos escolares:

É uma forma de vivenciar as experiências que são colocadas em sala de aula, com enfoque lúdico, permitindo habilidades relacionadas à questão de respeito e convivência. Promove uma relação mais humanizada do aluno com a escola e a convivência em grupo. É um fator de facilitação para a aprendizagem. (Professora Valéria⁹ – Escola particular).

A professora da Escola estadual, ao definir a atividade de viagem com fins educativos, ressaltou os aspectos de ampliação das condições de aprendizagem e de aproximação com a realidade social:

⁹ Os nomes das professoras são fictícios.

uma maneira de se trabalhar os conhecimentos, tirando os alunos do convencional, da realidade restrita da sala de aula, levando-os para o contexto mais amplo de encontro com a realidade social. (Professora Bruna – Escola estadual)

Quanto aos objetivos específicos da disciplina de história, as duas professoras atribuíram às viagens realizadas o objetivo de ampliar a reflexão dos conteúdos da disciplina. Além disso, afirmaram que a atividade permite, também, provocar a reflexão a respeito da necessidade de valorização e preservação do patrimônio histórico e cultural, conforme se vê nos relatos a seguir:

O turismo remete o aluno a uma história viva. Ele passa a ser um representante real dos fatos passados e não simples expectador. Dá noção ao aluno da importância do patrimônio histórico e da necessidade de preservá-lo. (Professora Bruna – Escola estadual)

A atividade contribui na facilitação da aprendizagem dos conteúdos de história porque facilita sua visualização. Permite trabalhar a questão da defesa do patrimônio. Estimula o aluno sobre o saber pensar. (Professora Valéria – Escola particular)

Na Escola estadual, a professora fez um trabalho prévio de preparação com os alunos, explicando sobre os pontos de visitação na cidade de Ouro Preto, bem como a respeito de sua importância histórica. Embora não estivesse trabalhando com um conteúdo histórico relacionado com a história de Minas Gerais no século XVIII e de não ter atribuído nota à atividade, a professora a organizou levando em conta outros aspectos do processo educativo e as oportunidades que a viagem representa para os seus alunos. Afirmou, quando interrogada a respeito, que ela é uma das únicas professoras do ensino fundamental daquela escola que acredita na atividade como fonte conhecimento. Vários de seus colegas entendem que é um tipo de atividade que demanda tempo para a preparação e que é, sobretudo, muito arriscada, em termos de responsabilidade decorrente de sair com adolescentes fora de seu município de residência.

Sobre sua experiência, a professora Bruna afirma que “os alunos são preparados com um mês de antecedência e a alegria que sentem em participar do evento supera as dificuldades eventuais”. Ela ainda explica que, em especial para os alunos dessa escola, é uma das raras oportunidades de conhecerem locais diferentes, uma vez que não possuem facilidades de viajar com suas famílias. Como leciona somente para a 6ª série do Ensino Fundamental,

não teria outra oportunidade para viajar com seus alunos e proporcionar-lhes condições de aprendizagem associada ao lazer, tão restrito na realidade dos mesmos.

É uma maneira divertida do aluno sair, de uma certa forma, dos conteúdos abstratos e se dirigir ao real. É uma maneira de ir além das amarras de mesmice. (Professora Bruna, Escola estadual)

Percebe-se que a professora confere um significado para a atividade em si, não a submetendo apenas ao programa em desenvolvimento. Para ela, a quebra dos tempos rotineiros da escola, (“sair da mesmice”), e a possibilidade de oportunizar aos alunos experiências distintas constituem-se em justificativas para a atividade. Nesse caso, mais do que focalizar conteúdos específicos, essa professora ressalta outros elementos da experiência dos estudantes a serem valorizados, como a “alegria” e a maneira “divertida de se relacionar com o conhecimento”.

Bruna escolheu a cidade de Ouro Preto não apenas por sua importância histórica e riqueza de bens patrimoniais, mas também por sua proximidade com Belo Horizonte, o que dispensaria a necessidade de hospedagem dos alunos, fator que aumentaria o custo da viagem.

4. O Olhar dos estudantes

4.1. - Viagem a Ouro Preto - MG

Os quarenta e seis alunos que participaram da viagem a Ouro Preto (Escola estadual), encantaram-se com a riqueza do interior das igrejas barrocas, com o mobiliário, os objetos sacros e utensílios vistos nos museus, com o casario e com o artesanato típico de pedra sabão. A visualização das igrejas, esculturas e lápides e as explicações dadas pela guia instigaram a curiosidade dos alunos a respeito de detalhes da arquitetura e do processo de produção do conjunto da arte sacra, por meio de indagações como: “as paredes dessa igreja são de ouro mesmo? Como o Aleijadinho conseguia esculpir?”

Diante das explicações de que algumas pessoas eram enterradas no interior das igrejas, surgiram perguntas como: “por que os ricos eram enterrados no interior de algumas igrejas?” (risos...) “Seus corpos ainda estão aí?” (risos...). “Essa madeira é parte da forca de Tiradentes, mesmo?” Manifestaram também curiosidade a respeito das lápides dos inconfidentes no Museu da Inconfidência, indagando se de fato seus restos mortais se encontravam ali.

Percebe-se que, ainda que em sala de aula a professora pudesse conduzir as aulas de modo a estimular a curiosidade dos alunos extrapolando os conteúdos do livro didático, estar diante dos monumentos que são parte da memória histórica e da cultura nacional, permitiu que eles expressassem as suas próprias indagações, revisitando episódios importantes do passado.

Elementos relacionados à preservação do patrimônio como a proibição de fazer fotografias no interior das igrejas, ou sobre o (pequeno) espaço reservado para a feira de artesanato também instigaram a curiosidade desses alunos que indagaram a respeito. Trata-se de questões que só se manifestam a partir da experiência, o que pode levar os alunos a construir seu conhecimento a partir das referências da cultura (SCHMITZ, 2005).

Com a visita à Igreja Matriz de N. Sra do Pilar, à Igreja de São Francisco de Assis, ao Museu da Inconfidência, ao Museu do Aleijadinho, à Casa dos Contos, dentre outros, os alunos puderam comparar as construções e os monumentos com o tipo de construção contemporânea da região central de Belo Horizonte. Essa comparação foi incentivada pela professora e pela guia que os acompanhava. Destacaram, ainda, espontaneamente, aspectos atuais da Cidade de Ouro Preto, como por exemplo, o intenso tráfego de veículos e o desrespeito de alguns motoristas com os pedestres/turistas, o mau cheiro de esgoto em algumas ruas e travessas e o acúmulo de lixo nos passeios e nas ladeiras. Estranharam também a ausência de seguranças nas imediações dos principais monumentos de Ouro Preto, bem como a suposta fragilidade das vitrines do comércio de pedras preciosas. Por vezes, indagavam: “os vidros são à prova de bala?”

Às vezes queriam se localizar, para saberem se estavam se aproximando do próximo local de visitação, mas não encontravam postos de informação turística pelo caminho. Tiraram fotografias, divertiram-se, compraram postais e artesanatos, em uma alegre interação com os colegas, com a guia e com a professora.

Essa atividade organizada pela Escola estadual, utilizando-se do turismo pedagógico como uma estratégia de ensino, permitiu aos alunos assimilarem noções sobre a necessidade de preservação do patrimônio histórico-cultural, estabelecerem comparações e dialogarem com os vários acervos visitados. Foi possível observar também que, na interação com os monumentos, com o espaço da cidade e com a professora e a guia que os acompanhava, os alunos e alunas foram levados a pensar a respeito da responsabilidade individual e coletiva com o espaço público. A cada local visitado, a guia e a professora reuniam os alunos e chamavam a atenção para o número de turistas, inclusive de estrangeiros, que estavam dividindo com eles o espaço em vários museus, ladeiras, igrejas e praças.

Ao final da atividade, os alunos assinalaram o que consideraram descaso do poder público em relação à falta de informação e de acolhimento ao turista na cidade de Ouro Preto. Em seus depoimentos, manifestaram satisfação com a atividade e realçaram a beleza dessa cidade histórica. Ao serem indagados sobre o que significou a viagem, destacaram a aprendizagem associada à dimensão lúdica, com expressões como: “valeu! Aprendeu e divertiu!”. Mencionaram também a dimensão de rompimento com os tempos e espaços escolares e aspectos relacionados à sociabilidade: “É uma oportunidade de distrair, sair fora da sala de aula!”, “Foi bom para conhecer melhor os colegas de outras turmas!” “Achei legal porque estava na companhia de minhas colegas e pude confidenciar coisas...!”

4.2. - Viagem a Petrópolis - RJ

De acordo com a professora de história da Escola particular, foi feito também um trabalho prévio de preparação dos alunos da 7ª série do ensino fundamental em relação à viagem para a cidade de Petrópolis-RJ. Para isso, a professora mostrou fotos de viagens realizadas a

essa cidade em anos anteriores pelos colegas de escola. Ela também percorreu a respeito da importância histórica dos monumentos que seriam visitados identificando algumas fotografias no livro texto de história. Procurou relacionar o conteúdo programático sobre o período político do Segundo Império – século XIX - com o destino turístico proposto, denominado de “Cidade Imperial”. Além disso, esclareceu aos alunos que a atividade seria avaliada com atribuição de pontos. A turma teria então como tarefa a realização de um trabalho em grupo de documentação da viagem com coletânea de fotos e comentários.

A viagem a Petrópolis-RJ possibilitou a esses alunos e alunas visualizarem importantes construções e acervos do período imperial. Ao conhecerem, por exemplo, o Museu Imperial, o Palácio Rio Negro, a Casa de Santos Dumont, a Casa do Colono, a catedral de São Pedro de Alcântara, tiveram contato com mobiliários, vestuários, quadros, adornos, objetos pessoais, instrumentos de trabalho, documentos, fotos, que forneceram ricas informações e ajudaram na compreensão do assunto. A interação com os objetos e lugares visitados despertou curiosidades e o interesse dos alunos pelos significados históricos dos mesmos. A própria estrutura física dos monumentos, com suas fachadas arrojadas, paisagismos, escadarias, foi motivo de comentários curiosos. Os alunos e alunas entusiasmaram-se com a Casa de Santos Dumont, a “Encantada”¹⁰. Quiseram saber, por exemplo, o motivo da escadaria com diferencial¹¹ e se divertiram ao subi-la. Entusiasmaram-se também com a engenhosidade do chuveiro¹² com aquecimento e admiraram a vista panorâmica do andar de cima da casa.

Ao entrarem na Catedral ficaram indignados com o fato do mausoléu de D. Pedro II estar protegido por grades. Quiseram saber qual a razão dessa medida. Ao serem informados de que o local estava sendo objeto constante de ataque de vândalos, as reações também foram de indignação.

¹⁰ “Projetada pelo próprio Santos Dumont, foi construída pelo engenheiro Eduardo Pederneiras, no ano de 1918, para residência de verão do inventor. É um chalé do tipo alpino encravado em terreno íngreme; uma construção muito original e única no Brasil, com detalhes curiosos, todos frutos da inventiva e do talento de Santos Dumont, totalmente fora de qualquer padrão das casas da época”. (www.cabangu.com.br, acesso em 02/04/2006).

¹¹ Em razão do pequeno espaço em que foram construídas, as escadas também eram muito íngremes. Assim, ao subir, corria-se o risco de bater a perna no degrau acima. Por isso, cada degrau foi cortado ao meio ficando livre o lado que não seria pisado ao subir-se a escada. (www.cabangu.com.br, acesso em 02/04/2006)

¹² “O banheiro possui um chuveiro com aquecimento a álcool, feito com um balde perfurado dividido ao meio, com entradas para água fria e quente, e duas correntes de dosagem da temperatura” (www.cabangu.com.br/pai da aviação/11-encantada/pg11.htm#HISTÓRICO, acesso em 02/04/2006).

No Museu Imperial, os estudantes estranharam o uso de pantufas para percorrerem os vários cômodos, mas reagiram com bom humor ao entenderem a necessidade do seu uso relacionada à preservação do patrimônio. Encantaram-se com o luxo e a beleza da coroa usada por D. Pedro II no ato de sua coroação, com as jóias expostas e com o rico mobiliário. Alguns alunos e alunas curiosamente perguntaram porque as edificações de propriedade da família imperial residente no Brasil possuem as fachadas sempre na mesma cor. Indagaram se era coincidência ou algo padronizado. Esse comentário foi muito rico porque resultou da curiosidade despertada pela observação atenta da cidade. Essa observação levou a guia da agência que os acompanhava a acrescentar informações não previstas anteriormente.

Nos momentos livres dos intervalos no horário de almoço e antes de se recolherem, puderam ficar mais tempo na companhia dos colegas, caminhar livremente por algumas travessas, fazer compras, assistir TV e jogar nas dependências do hotel. Quando questionados a respeito dos significados da viagem e das visitas, assim como os alunos e alunas da escola estadual destacaram a dimensão de aprendizagem associada à diversão. Utilizaram expressões como: “Prestava atenção, dançava no ônibus”. “É bom, o aluno fica mais interessado em aprender”. “Sai da rotina. Aprende divertindo”. “O tempo é mais relaxado”. Nestas falas é possível observar também o destaque para a quebra da rigidez dos tempos e espaços escolares. Destacaram ainda a dimensão de sociabilidade, enfatizando a oportunidade de “conhecer mais colegas”. Embora a professora responsável pela atividade com esses alunos tenha mencionado o fato de que eles em geral viajam bastante e que, portanto, seus objetivos com a viagem focalizam mais os aspectos relativos à aprendizagem dos conteúdos, alguns estudantes destacaram a importância da viagem, da possibilidade de estar no lugar. Um aluno destacou, por exemplo, como é interessante “ver uma foto, um postal e” (além disso), “estar no lugar”. Outro assim se manifestou: “viajar, conhecer, mostrar novos lugares, a cultura, o sotaque!” Se a possibilidade de ver os monumentos e outros vestígios da história do país se configurava como objetivo específico da disciplina de história, a dimensão do contato com a população local, como destacou este aluno, apresenta-se também como importante elemento da vivência desses adolescentes durante a viagem escolar.

5. Considerações finais

Do ponto de vista das professoras, a realização da atividade configura-se como importante no processo de desenvolvimento do conteúdo da disciplina de história. Elas destacam, no entanto, outros elementos como parte do processo de formação dos estudantes. Os depoimentos das professoras permitiram perceber que há uma preocupação em proporcionar relação mais prazerosa com o conhecimento. Enfatizam também o objetivo de desenvolverem aspectos da educação patrimonial, a importância da visualização, no caso dos símbolos e monumentos que guardam parte da memória histórica, revelando uma concepção de aprendizagem baseada na experiência direta e no estímulo à curiosidade como condições para a aprendizagem significativa.

Embora tenham perspectivas semelhantes no que concerne aos objetivos da atividade, é possível observar diferenças relativas à origem social dos estudantes o que, por sua vez, confere significados distintos para a atividade. No caso da escola particular, que atende a um público de alto poder aquisitivo, o vínculo da atividade com os objetivos propriamente escolares - conceituais e atitudinais – parece ser o objetivo central. Já para a professora da escola estadual, a atividade está menos submetida aos conteúdos programáticos da disciplina, apesar de manter-se vinculada aos mesmos. Para ela, a experiência da viagem em si é formadora para os alunos, além de significar uma oportunidade, proporcionada pela escola, de uma vivência pouco provável para crianças de famílias de baixa renda.

Os depoimentos dos alunos, bem como suas atitudes durante a realização das viagens, indicaram a relevância da atividade. Além dos aspectos relativos à socialização, evidenciou-se a importância da viagem e das visitas para despertar a curiosidade e estimulá-los a interrogarem elementos que compõem o nosso passado. Também o caráter lúdico da atividade manifestou-se como um importante elemento da vivência dos estudantes durante a viagem. Essa dimensão pôde ser observada nas conversas nas quais os conhecimentos históricos integravam as interações entre os estudantes e destes com guias e professoras, bem como a partir de suas manifestações nos locais visitados.

Foi possível detectar, a partir da observação, que a atividade turística, como prática pedagógica no processo ensino-aprendizagem da disciplina de história, ultrapassa os objetivos específicos dessa disciplina. A experiência de sair da escola com os estudantes para levá-los a visualizarem monumentos que guardam parte da memória histórica brasileira configura-se como uma prática integradora no processo de formação dos estudantes. Percebeu-se que, nesse tipo de atividade, fora do ambiente da escola, a própria relação com o objeto de conhecimento adquire um caráter mais prazeroso para os estudantes, além de suscitar questões que dificilmente ocorreriam apenas por meio da leitura de textos e das explicações dos professores.

Nessa direção, a atividade contribui para o desenvolvimento de conteúdos das disciplinas escolares, possibilitando construir com os alunos referenciais de análise e compreensão da história a partir de símbolos e monumentos preservados. Além disso, abre uma importante reflexão que, a nosso ver, ainda está por ser feita, que se refere ao caráter educativo das cidades e, especialmente, suas possibilidades de exploração pela escola no processo de formação dos estudantes. Analisar a preservação do patrimônio histórico e cultural pode possibilitar reflexões a respeito da memória e do direito à memória, inserindo essa questão no âmbito da reflexão sobre a cidadania.

Além de proporcionar a aprendizagem num processo rico de interações, despertou neles o reconhecimento da importância dos bens patrimoniais e da responsabilidade coletiva pela sua preservação. Gostaríamos de destacar ainda a oportunidade de encontro com os colegas num espaço distinto do da escola, bem como fora dos rígidos tempos escolares, evidenciando a dimensão de sociabilidade, presente na escola, mas intensificada quando seus atores se encontram em outros espaços sociais.

Referências Bibliográficas

ÁLVARES, Lúcia C.; SILVA, Isabel de Oliveira e.; CAVALCANTI, José Euclides A. *Educação e capacitação comunitárias para o turismo: um estudo dos pólos turísticos Caminhos do Norte e vales do São Francisco e do Jequitinhonha – MG*. Balneário de Camboriú. II Seminário da ANPTUR, maio de 2005.

ANDRIOLO, Arley; FAUSTINO, Evandro. Educação, Turismo e cultura. A experiência de estudantes paulistas em Uruçanga. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri. *Turismo e desenvolvimento local*. São Paulo: Hucitec, 2000, pp. 164-178.

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. Turismo e segmentação de mercado: novos segmentos. In: TRIGO, Luiz Gonzaga G. et. al.(org.). *Análises regionais e globais do turismo brasileiro*. São Paulo: Roca, 2005, pp. 286-311.

APRENDIZ, www.aprendiz.uol.com.br, acesso em 20/01/2005.

BARRETO, Margarita; TAMANINI, Elizabete; SILVA, Maria Ivonete P. *Discutindo o ensino universitário de turismo*. Campinas: Papirus, 2004.

BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais (Introdução)*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARSALADE, Flávio de Lemos. Educação e Patrimônio Cultural. In: MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. *Reflexões e contribuições para a educação patrimonial*. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002 (Coleção Lições de Minas, 23), pp. 65-80.

CHIOZZINI, Daniel. Turismo cultural e educação patrimonial mais próximos (Reportagem). Disponível em www.revista.iphan.gov.br. (acesso 16/01/2006).

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Patrimônio histórico e cultural: um novo campo de ação para os professores. In: MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. *Reflexões e contribuições para a educação patrimonial*. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002 (Coleção Lições de Minas, 23), pp. 51-64.

MENESES, José Newton C. *História e Turismo Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

JANKE, Nadja; TOZONI-REIS, Marília F. C. Qualidade de vida e educação ambiental: construção coletiva de significados pela pesquisa-ação-participativa. Caxambu-MG: 28ª *Reunião Anual da ANPED*, 16 a 19 out. 2005.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de. Souza. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. *II Congresso Político Pedagógico da Rede Municipal de Ensino/Escola Plural*. Belo Horizonte, 2002.

SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete S. B. *Currículo e formação profissional nos cursos de turismo*. Campinas: Papirus, 2002.

STARLING, Mônica Barros de Lima; SANTANA, Sylvana de Castro Pessoa. Metodologia de projetos: o patrimônio cultural no currículo do ensino médio. In: MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. *Reflexões e contribuições para a educação patrimonial*. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002 (Coleção Lições de Minas, 23), pp 91-106.

SWARBROOKE, John. *Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental*. São Paulo: Aleph, 2000.

TOZONI-REIS, Marília F. C.; TOZONI-REIS, José R. Conhecer, transformar e educar: fundamentos psicossociais para a pesquisa-ação-participativa em educação ambiental. Caxambu-MG, *26ª Reunião Anual da ANPED*, 2003.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo*. Campinas: Papirus, 1998.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SCHMITZ, Paulo Clóvis. A escola vai ao museu. *Nossa História*. Ano 2 n. 18, abr. 2005.